

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

INTRODUÇÃO

Partindo da certeza de que a "regra de ouro" de todo o trabalho pastoral vocacional foi e continua a ser o "Vinde e vede" (Jo 1,39), é essencial dar importância à vida fraterna em comunidade, cultivando "boas relações interpessoais em que se valorize a amizade, a sinceridade, a maturidade, como base humana indispensável para a convivência, numa dimensão de fé, pois quem chama é o Senhor, num estilo de vida mais simples e acolhedor, com diálogo e participação" (Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, Puebla de Los Angeles – México, 1979, Cap. II, 2-2.1).

Os jovens de hoje estão mais interessados no testemunho de vida das pessoas do que na sua declaração de boas intenções; exigem sinais que evidenciem a coerência de vida. A própria necessidade de segurança leva-os a considerar como essencial, para tomar uma decisão deste tipo, a experiência de serem atraídos pela vida fraterna dos outros, de modo a envolver a totalidade da sua pessoa.

O terreno favorável para uma vocação crescer e se desenvolver é, sem dúvida, um ambiente em que o seguimento de Jesus seja vivido com alegria, convicção e entusiasmo, gerando um espaço em que seja possível viver com esperança. Tal clima seduz e desperta o desejo de participar nessa mesma vida. Esses processos devem tomar um caminho que conduza à livre opção da pessoa pelo Senhor, reconhecido como capaz de dar plenitude à existência humana. Por isso, não é suficiente anunciá-lo, ou afirmá-lo; é necessário oferecer a experiência em comunidade daqueles que já percorreram esse caminho para que ela possa ser compartilhada.

SÍNTESE DO TEXTO

O tema deste documento tem em conta um facto: a fisionomia que "a vida fraterna em comum" apresenta hoje em muitos países manifesta muitas transformações relativamente ao passado. Essas transformações, bem como as esperanças e desilusões que acompanharam e continuam a acompanhar o processo, requerem uma reflexão à luz do Concílio Vaticano II. Além disso, puseram em relevo não poucos valores do evangelho, dando nova vitalidade à comunidade religiosa, mas levantando também questões por terem obscurecido alguns elementos característicos da mesma vida fraterna vivida em comunidade. Em alguns lugares, parece que a comunidade religiosa perdeu a sua importância, deixando de ser vista como um ideal a ser alcançado. Com a serenidade e a urgência de quem busca a vontade do Senhor, muitas comunidades quiseram valorizar tais transformações para melhor corresponderem à sua vocação junto do povo de Deus.

São muitos os fatores que determinaram as mudanças, entre os quais o "retorno constante às fontes da vida cristã e à inspiração original dos institutos". Mas, este processo ocorreu também no âmbito de outras mudanças mais gerais que são como que o seu quadro existencial. Os valores e contravalores próprios de uma época, ou de um âmbito cultural, e as estruturas sociais que os manifestam afetam a vida de todos, incluindo a Igreja e as comunidades religiosas. Estas, ou são um verdadeiro fermento evangélico na sociedade, anúncio da Boa Nova no mundo, ou sucumbem com uma agonia mais ou menos prolongada, simplesmente porque se adaptaram ao mundo.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

No entanto, também a evolução da Igreja exerceu uma influência profunda nas comunidades religiosas. O Concílio Vaticano II, como acontecimento de graça e expressão mais alta da vontade pastoral da Igreja no séc. XX, influenciou decisivamente a vida religiosa, não só através do Decreto *Perfectae Caritatis*, que lhe é dedicado, mas também graças à eclesiologia conciliar e a todos os documentos do Concílio.

Por estas razões, este documento lança um olhar rápido sobre as mudanças ocorridas nas áreas que mais fortemente influenciaram a qualidade da vida fraterna e nos diferentes modos de a viver nas várias comunidades religiosas. É muito importante considerar o desenvolvimento teológico, canónico e, obviamente, o desenvolvimento das novas sociedades. Reconhecer que estas mudanças incidiram profundamente nas comunidades religiosas pressupõe falar sobre a nova configuração das comunidades religiosas, das exigências cada vez mais numerosos para responder às novas necessidades sociais, da nova maneira de entender e viver o próprio trabalho num contexto secularizado. Uma nova conceção da pessoa, na qual se recupera o seu valor como indivíduo particular, é outro aspeto a ter em conta, em conjunto com as novas estruturas de governo que emergem das Constituições renovadas. O conjunto de mudanças e tendências que acabamos de mencionar influenciou profundamente a fisionomia das comunidades religiosas, embora de maneira diferenciada.

As diferenças, por vezes muito notáveis, dependem – como facilmente se compreende – das diferentes culturas e de diversos continentes, do facto de as comunidades serem masculinas ou femininas, do tipo de vida religiosa e do Instituto, das diferentes atividades e dos respetivos compromissos em rever e atualizar o carisma do Fundador, do modo diferente de situar-se perante a sociedade e a Igreja, da diferente forma de acolher os valores propostos pelo Concílio, das diferentes tradições e formas de vida comum, dos vários modos de exercer a autoridade e de como se promove a renovação da formação permanente.

À luz destas novas situações, este documento propõe-se incentivar os esforços realizados por muitas comunidades religiosas para melhorar a qualidade da sua vida fraterna. Além disso, pretende oferecer motivos de reflexão àqueles que se afastaram do ideal comunitário, de modo a tomarem seriamente em consideração o facto de a vida fraterna em comum é imprescindível para quem se consagra ao Senhor num instituto religioso ou se integrou numa sociedade de vida apostólica. Com esta finalidade, são apresentadas questões, tais como: a comunidade religiosa como dom, a comunidade religiosa como lugar onde se chega a ser irmãos, a comunidade religiosa como lugar e sujeito da missão. Não esqueçamos, porém, que para aprofundarmos o mistério de comunhão e da fraternidade e antes de empreender o difícil e necessário discernimento para se conseguir um renovado esplendor evangélico das nossas comunidades, é necessário invocar humildemente o Espírito Santo para que Ele leve a cabo aquilo que só Ele pode realizar: "Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo: arrancarei do vosso peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne... sereis o meu povo e Eu serei o vosso Deus" (Ez 36, 26-28).

A comunidade religiosa, como expressão da Igreja, é fruto do Espírito e participação na comunhão trinitária. Aqui, o compromisso de cada religioso – e de todos os religiosos – de se sentirem corresponsáveis pela vida fraterna em comum, para que manifeste de forma clara a pertença a Cristo e, no caso particular da Ordem hospitaleira, que escolhe e chama os irmãos e irmãs a viverem juntos no seu nome, o carisma e a espiritualidade de S. João de Deus.

A VIDA FRATERNA EM COMUNIDADE

«Congregavit nos in unum Christi amor»

Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica

CAPÍTULO II

A COMUNIDADE RELIGIOSA LUGAR DE FRATERNIZAÇÃO

11. Do dom da comunhão nasce a tarefa da construção da fraternidade, isto é, do tornar-se irmãos e irmãs numa determinada comunidade onde se é chamado a viver juntos. Da aceitação admirada e agradecida da realidade da comunhão divina, que é comunicada a pobres criaturas, provém a convicção do esforço necessário para fazê-la sempre mais visível através da construção de comunidades “plenas de alegria e de Espírito Santo» (At 13, 52).

Também em nosso tempo e para nosso tempo é necessário retomar essa obra «divino-humana» da edificação de comunidades de irmãos e de irmãs, tendo presente as condições típicas destes anos, nos quais a renovação teológica, canônica, social e estrutural, influiu fortemente na fisionomia e na vida da comunidade religiosa.

E a partir de algumas situações concretas que se deseja oferecer indicações úteis para sustentar o esforço por uma contínua renovação evangélica das comunidades.

ESPIRITUALIDADE E ORAÇÃO COMUM

12. Em seu primário componente místico toda a autêntica comunidade cristã aparece «em si mesma como uma realidade teologal, objeto de contemplação»²⁸. Daí se segue que a comunidade religiosa é, antes de tudo, um mistério que deve ser contemplado e acolhido com coração agradecido numa límpida dimensão de fé.

Quando se esquece essa dimensão mística e teologal, que põe em contato com o mistério da comunhão divina presente e comunicada à comunidade, chega-se irremediavelmente a esquecer também as razões profundas do «fazer comunidade», da paciente construção da vida fraterna. Ela pode, às vezes, parecer superior às forças humanas, além de um inútil desperdício de energias, em especial para pessoas intensamente empenhadas na ação e condicionadas por uma cultura ativista e individualista.

O mesmo Cristo que os chamou convoca cada dia seus irmãos e suas irmãs para falar-lhes e para uni-los a Ele e entre si na Eucaristia, para torná-los sempre mais seu Corpo vivo e visível, animado pelo Espírito, em caminho para o Pai.

A oração em comum, que foi sempre considerada a base de toda a vida comunitária, parte da contemplação do Mistério de Deus, grande e sublime, da admiração por sua presença operante nos momentos mais significativos de nossas famílias religiosas como também na humilde e cotidiana realidade de nossas comunidades.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

13. Como uma resposta à advertência do Senhor: «Vigiai e orai» (Lc 21, 36), a comunidade religiosa deve ser vigilante e empregar o tempo necessário para cuidar da qualidade de sua vida. Por vezes os religiosos e religiosas «não têm tempo» e seu dia corre o risco de ser muito angustiado e ansioso e, portanto, de acabar por cansar e esgotar. De fato, a comunidade religiosa segue o ritmo de um horário para dar determinados tempos para a oração e, especialmente, para que se possa aprender a dar tempo para Deus (vacare Deo).

A oração deve ser entendida também como tempo para estar com o Senhor a fim de que possa agir em nós e, entre as distrações e os trabalhos, possa invadir nossa vida, confortá-la e guiá-la. Para que, afinal, toda a nossa existência possa realmente pertencer-lhe.

14. Uma das conquistas mais preciosas destes decênios, reconhecida e louvada por todos, foi a redescoberta da oração litúrgica por parte das famílias religiosas.

A celebração em comum da Liturgia das Horas ou, ao menos, de algumas de suas partes, revitalizou a oração de não poucas comunidades, que foram levadas a um contato mais vivo com a Palavra de Deus e com a oração da Igreja.²⁹

Não deve faltar em ninguém a convicção de que a comunidade se constrói a partir da Liturgia, sobretudo da celebração da Eucaristia³⁰ e de outros Sacramentos. Entre esses merece renovada atenção o Sacramento da Reconciliação, através do qual o Senhor reaviva nossa união com Ele e com os irmãos.

À imitação da primeira comunidade de Jerusalém (Cf. At 2, 42), a Palavra, a Eucaristia, a oração comum, a assiduidade e a fidelidade ao ensinamento dos Apóstolos e de seus sucessores põem em contato com as grandes obras de Deus. Nesse contexto, elas se tornam luminosas e geram louvor, ação de graças, alegria, união dos corações, apoio nas comuns dificuldades da convivência cotidiana, mútuo reforço na fé.

Infelizmente a diminuição dos presbíteros pode tornar, em alguns lugares, impossível a participação cotidiana na Santa Missa. Isso deve levar a compreender, sempre mais profundamente, o grande dom da Eucaristia e a colocar no centro da vida o Santo Mistério do Corpo e Sangue do Senhor, vivo e presente na comunidade para sustentá-la e animá-la em seu caminho para o Pai. Daí vem a necessidade de que cada casa religiosa tenha como centro da comunidade seu oratório,³¹ onde seja possível alimentar a própria espiritualidade eucarística por meio da oração e da adoração.

É, de fato, em torno da Eucaristia, celebrada ou adorada, «cume e fonte» de toda a atividade da Igreja, que se constrói a comunhão dos corações, premissa para qualquer crescimento na fraternidade. «É aqui que deve encontrar sua origem qualquer tipo de educação para o espírito de comunidade».³²

15. A oração em comum alcança toda a sua eficácia quando está intimamente ligada à oração pessoal. Oração comum e oração pessoal, de fato, estão em estreita relação e são complementares entre si. Em toda a parte, mas especialmente em certas regiões e culturas, é necessário sublinhar mais a importância da interioridade, da relação filial com o Pai, do diálogo íntimo e sponsal com Cristo, do aprofundamento pessoal do que foi celebrado e vivido na oração comunitária, do silêncio interior e exterior que deixa espaço para que a Palavra e o Espírito possam regenerar as profundezas mais escondidas. A pessoa consagrada que vive em comunidade, alimenta sua consagração, quer com o constante colóquio pessoal com Deus quer com o louvor e a intercessão comunitária.

16. A oração em comum tem sido enriquecida, nestes anos, por diversas formas de expressão e de participação.

Particularmente frutuosa para muitas comunidades tem sido a partilha da Lectio divina e das reflexões sobre a Palavra de Deus, como também a comunicação das próprias experiências de fé e das preocupações apostólicas. A diferença de idade, de formação ou de caráter aconselham prudência em exigí-la indistintamente de toda a comunidade: é bom lembrar que não se podem apressar os tempos de realização.

Onde é praticada com espontaneidade e com o comum consenso, tal partilha nutre a fé e a esperança, assim como a estima e a confiança mútua, favorece a reconciliação e alimenta a solidariedade fraterna na oração.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

17. Como para a oração pessoal, também para a oração comunitária valem as palavras do Senhor: «Orai sempre cessar» (Lc 18, 1; Cf. 1 Ts 5, 7). A comunidade religiosa vive, de fato, constantemente diante de seu Senhor, de cuja presença deve ter contínua consciência. Todavia, a oração em comum tem seus ritmos cuja frequência (cotidiana, semanal, mensal, anual) é fixada pelo direito próprio de cada instituto.

A oração em comum, que requer fidelidade a um horário, exige também e sobretudo a perseverança: «Para que pela perseverança e pela consolação que nos vem das Escrituras, conservemos viva nossa esperança (...), para que com um só coração e uma só voz, glorifiquemos a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Rm 15, 4-6).

A fidelidade e a perseverança ajudarão também a superar criativamente e com sabedoria algumas dificuldades, típicas de algumas comunidades, tais como a diversidade de trabalhos e, portanto, de horário, a sobrecarga absorvente, as diversas fadigas.

18. A oração à Bem-aventurada Virgem Maria, animada pelo amor que nos leva a imitá-la, faz com que sua presença exemplar e materna seja de grande ajuda na fidelidade cotidiana à oração (Cf. At 1, 14), tornando-se vínculo de comunhão para a comunidade religiosa.³³

A Mãe do Senhor contribuirá para configurar as comunidades religiosas ao modelo de «sua» família, a Família de Nazaré, lugar ao qual as comunidades religiosas devem com frequência transportar-se espiritualmente, porque lá o Evangelho da comunhão e da fraternidade foi vivido de modo admirável.

19. Também o impulso apostólico é sustentado e alimentado pela oração comum. Por um lado, ela é uma força misteriosa transformante, que abraça todas as realidades para redimir e ordenar o mundo. Por outro lado, encontra seu estímulo no ministério apostólico: em suas alegrias e nas dificuldades cotidianas. Estas se transformam em ocasião para procurar e descobrir a presença e a ação do Senhor.

20. As comunidades religiosas mais apostólicas e mais evangelicamente vivas — sejam contemplativas ou ativas — são aquelas que têm uma rica experiência de oração.

Num momento como o nosso, em que se assiste a um novo despertar da busca do transcendente, as comunidades religiosas podem se tornar lugares privilegiados onde se experimentam os caminhos que levam a Deus.

«Como família unida no nome do Senhor (a comunidade religiosa) é, por sua natureza, o lugar onde a experiência de Deus deve particularmente poder se realizar em sua plenitude e poder se comunicar aos outros»: ³⁴ antes de tudo aos próprios irmãos de comunidade.

As pessoas consagradas a Deus, homens e mulheres, faltarão a esse encontro com a história, não respondendo à «busca de Deus» de nossos contemporâneos, induzindo-os talvez a buscar em outros lugares, por caminhos errados, como saciar sua fome de Absoluto?

LIBERDADE PESSOAL E CONSTRUÇÃO DA FRATERNIDADE

21. «Carregai os fardos uns dos outros; assim cumprireis a lei de Cristo» (Gl 6, 2). Em toda a dinâmica comunitária, Cristo, em seu mistério pascal, permanece o modelo de como se constrói a unidade. O mandamento do amor mútuo tem, de fato, nele a fonte, o modelo e a medida: devemos amar-nos como Ele nos amou. E Ele nos amou até dar a vida. Nossa vida é participação na caridade de Cristo, em seu amor ao Pai e aos irmãos, um amor esquecido de si mesmo.

Mas tudo isso não é conforme à natureza do «homem velho» que deseja, sim, a comunhão e a unidade, mas não pretende nem está disposto a pagar-lhe o preço, em termos de esforço e de dedicação pessoal. O caminho que vai do homem velho, que tende a fechar-se em si mesmo, ao homem novo, que se doa aos outros, é longo e cansativo. Os santos fundadores insistiram realisticamente sobre as dificuldades e sobre as ciladas dessa passagem, conscientes como estavam de que a comunidade não se pode improvisar. Ela não é coisa espontânea nem realização que se consiga em breve tempo.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Para viver como irmãos e irmãs é necessário um verdadeiro caminho de libertação interior. Como Israel, libertado do Egito, tornou-se Povo de Deus depois de ter feito uma longa caminhada no deserto sob a guia de Moisés, assim a comunidade inserida na Igreja, povo de Deus, é construída por pessoas que Cristo libertou e fez capazes de amar de seu jeito, através do dom de seu Amor libertador e da aceitação cordial daqueles que Ele dá como seus guias.

O amor de Cristo, difundido em nossos corações, impele a amar os irmãos e as irmãs até o assumir suas fraquezas, seus problemas, suas dificuldades. Numa palavra: até a doar-nos a nós mesmos.

22. Cristo dá à pessoa duas fundamentais certezas: a de ser infinitamente amada e de poder amar sem limites. Nada como a cruz de Cristo pode dar, de modo pleno e definitivo, essas certezas e a liberdade que delas deriva. Graças a elas, a pessoa consagrada se liberta progressivamente da necessidade de colocar-se no centro de tudo e de possuir o outro e do medo de doar-se aos irmãos; aprende, ao contrário, a amar como Cristo a umou, com aquele amor que agora é derramado em seu coração e a faz capaz de esquecer-se e de doar-se como fez seu Senhor.

Em virtude desse amor nasce a comunidade como um conjunto de pessoas livres e libertadas pela cruz de Cristo.

23. Esse caminho de libertação que conduz à plena comunhão e à liberdade dos filhos de Deus exige, porém, a coragem da renúncia a si mesmo na aceitação e no acolhimento do outro, a partir da autoridade.

Notou-se, em mais de um lugar, que isso constituiu um dos pontos mais fracos do período de renovação destes anos. Aumentaram os conhecimentos, estudaram-se diversos aspectos da vida comum, mas cuidou-se menos do esforço ascético, necessário e insubstituível para qualquer libertação capaz de fazer de um grupo de pessoas uma fraternidade cristã.

A comunhão é um dom oferecido que exige também uma resposta, um paciente tirocínio e um combate para superar o espontaneísmo e a instabilidade dos desejos. O altíssimo ideal comunitário comporta necessariamente a conversão de qualquer atitude que causasse obstáculo à comunhão.

A comunidade sem mística não tem alma, mas sem ascese não tem corpo. Exige-se «sinergia» (cooperação) entre o dom de Deus e o esforço pessoal para construir uma comunhão encarnada, isto é, para dar carne o consistência à graça e ao dom da comunhão fraterna.

24. É necessário admitir que esse assunto causa problema hoje, tanto junto aos jovens como junto aos adultos. Muitas vezes os jovens provêm de uma cultura que aprecia excessivamente a subjetividade e a busca da realização pessoal, enquanto os adultos ou estão ancorados em estruturas do passado ou vivem certo desencanto diante do «assembleísmo» dos anos passados, fonte de verbalismo e de incerteza.

Se é verdade que a comunhão não existe sem a oblatividade de cada um, é necessário que se afastem desde o início as ilusões de que tudo deve vir dos outros; é necessário que se ajude a descobrir com gratidão quanto lá se recebeu e se está, de fato, recebendo dos outros. É bom preparar os jovens, desde o início, para serem construtores e não somente consumidores da comunidade; para serem responsáveis um pelo crescimento do outro; para estarem abertos e disponíveis a receber um o dom do outro, capazes de ajudar e ser ajudados, de substituir e ser substituídos.

Uma vida comum, fraterna e partilhada, tem um natural fascínio sobre os jovens, mas depois o perseverar nas reais condições de vida pode se tornar um pesado fardo. A formação inicial deve, pois, levar a uma tomada de consciência dos sacrifícios exigidos pelo viver em comunidade, a uma sua aceitação em vista de um relacionamento alegre e verdadeiramente fraterno e a todas as outras atitudes típicas de um homem interiormente livre.³⁵ Quando alguém se perde pelos irmãos, se encontra a si mesmo.

25. É necessário, além disso, lembrar sempre que a realização dos religiosos e religiosas passa através de suas comunidades. Quem procura viver uma vida independente, separada da comunidade, certamente não adentrou o caminho seguro da perfeição do próprio estado.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Enquanto a sociedade ocidental aplaude a pessoa independente que sabe realizar-se por si mesma, o individualista seguro de si mesmo, o Evangelho exige pessoas que, como o grão de trigo, sabem morrer a si mesmas para que renasça a vida fraterna.³⁶

Assim a comunidade se torna uma «Schola Amori» (escola de amor) para jovens e adultos, uma escola onde se aprende a amar a Deus, a amar os irmãos e as irmãs com quem se vive, a amar a humanidade necessitada da misericórdia de Deus e da solidariedade fraterna.

26. O ideal comunitário não deve fazer esquecer que toda a realidade cristã se edifica sobre a fraqueza humana. A «comunidade ideal», perfeita, ainda não existe: a perfeita comunhão dos santos é meta na Jerusalém celeste.

O nosso é o tempo da edificação e da construção contínua: sempre é possível melhorar e caminhar juntos para a comunidade que sabe viver o perdão e o amor. As comunidades, na verdade, não podem evitar todos os conflitos. A unidade que devem construir é uma unidade que se estabelece a preço da reconciliação.³⁷ A situação de imperfeição da comunidade não deve desencorajar.

As comunidades retomam cotidianamente o caminho, sustentadas pelo ensinamento dos Apóstolos: «amai-vos uns aos outros com afeto fraterno, rivalizando em estimar-vos mutuamente» (Rm 12, 10); «tende os mesmos sentimentos uns para com os outros» (Rm 12, 16); «acolhei-vos, por isso, uns aos outros como Cristo vos acolheu» (Rm 15, 7); «corrigi-vos um ao outro» (Rm 15, 14); «esperai uns pelos outros» (1Cor 11, 33); «por meio da caridade estejais a serviço uns dos outros» (Gl 5, 13); «confortai-vos mutuamente» (1Ts 5, 11); «suportando-vos mutuamente com amor» (Ef 4,2); «sede, pelo contrário, benévolos uns para com os outros, misericordiosos, perdoando-vos mutuamente» (Ef 4, 32); «sede submissos uns aos outros no temor de Cristo» (Ef 5, 21); «orai uns pelos outros» (Tg 5, 16); « revesti-vos todos de humildade uns para com os outros» (1Pd 5, 5); «estejamos em comunhão uns com os outros» (1Jo 1, 7); «não nos cansemos a fazer o bem a todos, sobretudo aos nossos irmãos na fé» (Gl 6, 9-10).

27. Para favorecer a comunhão dos espíritos e dos corações daqueles que, são chamados a viver juntos numa comunidade, parece oportuno recordar a necessidade de cultivar as qualidades requeridas em todas as relações humanas: educação, gentileza, sinceridade, controle de si mesmo, delicadeza, senso de humorismo e espírito de partilha.

Os documentos do Magistério destes anos são ricos de sugestões e assinalações úteis para a convivência comunitária, como: a alegre simplicidade,³⁸ a clareza e a confiança recíprocas,³⁹ a capacidade de diálogo,⁴⁰ a adesão sincera a uma benéfica disciplina comunitária.⁴¹

28. Não se pode esquecer, enfim, que a paz e o gosto de estar juntos são um dos sinais do Reino de Deus. A alegria de viver, mesmo em meio às dificuldades do caminho humano e espiritual e aos aborrecimentos cotidianos, já faz parte do Reino. Essa alegria é fruto do Espírito e envolve a simplicidade da existência e o tecido monótono do cotidiano. Uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga. Muito rapidamente os membros serão tentados a procurar em outros lugares o que não podem encontrar em casa. Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitar-se empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito. Realizam-se assim as palavras do Salmo: «como é bom, como é agradável os irmãos morarem juntos... Aí o Senhor dá sua bênção e a vida para sempre» (Sl 133, 1-3), «porque quando vivem juntos fraternalmente, reúnem-se na assembleia da Igreja, sentem-se concordes na caridade e num só querer». ⁴²

Esse testemunho de alegria constitui uma grandíssima atração para a vida religiosa, uma fonte de novas vocações e um sustentáculo para a perseverança. É muito importante cultivar essa alegria na comunidade religiosa: a sobrecarga de trabalho pode apagá-la, o zelo excessivo por algumas causas pode fazê-la cair no esquecimento, o contínuo interrogar-se sobre a própria identidade e sobre o próprio futuro pode ofuscá-la.

Mas o saber fazer festa juntos, o conceder-se momentos de distensão pessoal e comunitária, o tomar distância de quando em quando do próprio trabalho, o alegrar-se nas alegrias do irmão, a atenção solícita às necessidades dos irmãos e irmãs, o empenho confiante no trabalho apostólico, o afrontar com misericórdia as situações, o ir ao encontro do amanhã com a esperança de encontrar sempre, e em

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

qualquer caso, o Senhor: tudo isso alimenta a serenidade, a paz, a alegria. E se torna força na ação apostólica.

A alegria é um esplêndido testemunho do caráter evangélico de uma comunidade religiosa, ponto de chegada de um caminho não isento de tribulação, mas possível, porque sustentado pela oração: «Alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração» (Rm 12, 12).

COMUNICAR PARA CRESCER JUNTOS

29. Na renovação destes anos, aparece como a comunicação é um dos fatores humanos que adquirem crescente importância para a vida da comunidade religiosa. A mais sentida exigência de incentivar a vida fraterna de uma comunidade traz consigo a correspondente demanda de uma mais ampla e mais intensa comunicação.

Para se tornar irmãos e irmãs é necessário conhecer-se. Para se conhecer aparece como muito importante comunicar-se de forma mais ampla e profunda. Dá-se hoje maior atenção aos vários aspetos da comunicação, ainda que em medida e em forma diversa nos vários institutos e nas várias regiões do mundo.

30. A comunicação interna dos institutos desenvolveu-se muito. Aumentaram os encontros regulares de seus membros em nível central, regional e provincial; os superiores normalmente enviam cartas e sugestões, visitam com maior frequência as comunidades e foi se difundindo o uso de boletins e de periódicos internos.

Essa comunicação abundante e solicitada nos vários níveis, no respeito à fisionomia própria do instituto, cria normalmente relações mais estreitas, alimenta o espírito de família e a participação nos acontecimentos de todo o instituto, sensibiliza em relação aos problemas gerais, aproxima as pessoas consagradas em torno à missão comum.

31. Também em nível comunitário demonstrou-se muito positivo o ter realizado regularmente, muitas vezes com ritmo semanal, encontros onde os religiosos e as religiosas compartilham problemas da comunidade, do instituto, da Igreja e seus principais documentos. São momentos úteis ainda para escutar os outros, partilhar os próprios pensamentos, rever e avaliar o percurso realizado, pensar e programar juntos.

A vida fraterna, especialmente nas comunidades maiores, tem necessidade desses momentos para crescer. São momentos que devem ser mantidos livres de qualquer outra preocupação, momentos de comunicação importantes também para a coresponsabilização e para colocar o próprio trabalho no contexto mais amplo da vida religiosa, eclesial e do mundo ao qual se é enviado em missão, e não só no contexto da vida comunitária. É um caminho que deve ser continuado em todas as comunidades, adaptando-lhe os ritmos e as modalidades às dimensões das comunidades e de seus trabalhos. Entre as comunidades contemplativas isso exige respeito do próprio estilo de vida.

32. Mas não é tudo. Em vários lugares se sente a necessidade de uma comunicação mais intensa entre os religiosos de uma mesma comunidade. A falta e a pobreza de comunicação normalmente gera o enfraquecimento da fraternidade; o desconhecimento da vida do outro torna estranho o confrade e anônimo o relacionamento, além de criar situações de isolamento e de solidão. Em algumas comunidades se lamenta a escassa qualidade da fundamental comunicação dos bens espirituais: comunica-se sobre temas e problemas periféricos, mas raramente se compartilha aquilo que é vital e central no caminho de consagração.

As consequências podem ser dolorosas, porque a experiência espiritual adquire insensivelmente conotações individualísticas. Com isso se favorece a mentalidade de autogestão unida à insensibilidade pelo outro, enquanto lentamente se vão procurando relacionamentos significativos fora da comunidade.

O problema deve ser afrontado explicitamente: com tato e atenção, sem nenhum exagero; mas também com coragem e criatividade. Procurem-se formas e instrumentos que possam permitir a todos aprender

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

progressivamente a partilhar, com simplicidade e fraternidade, os dons do Espírito afim de que se tornem verdadeiramente de todos e sirvam para a edificação de todos (Cf. 1 Cor 12, 7).

A comunhão nasce justamente da partilha dos bens do Espírito, uma partilha da fé e na fé, onde o vínculo de fraternidade é tanto mais forte quanto mais central e vital é o que se coloca em comum. Essa comunicação é útil também para aprender o estilo da partilha que, depois, no apostolado, permitirá a cada um «confessar sua fé» em termos fáceis e simples, para que todos a possam entender e saborear.

As formas assumidas pela comunicação dos dons espirituais podem ser diferentes. Além daquelas já assinaladas — partilha da Palavra e da experiência de Deus, discernimento comunitário, projeto comunitário 43 — podem-se lembrar também a correção fraterna, a revisão de vida e outras formas típicas da tradição. São modos concretos de colocar-se a serviço dos outros e de canalizar para a comunidade os dons que o Espírito abundantemente concede para sua edificação e para sua missão no mundo. Tudo isso adquire maior importância agora que numa mesma comunidade podem conviver religiosos não somente de diversas idades, mas de diversas raças, de diversa formação cultural e teológica, religiosos provenientes de diversas experiências feitas nestes anos movimentados e pluralistas.

Sem diálogo e escuta, há sempre o risco de levar vidas justapostas ou paralelas, o que está bem longe do ideal de fraternidade.

33. Qualquer forma de comunicação comporta itinerários e dificuldades psicológicas particulares que podem ser afrontadas positivamente mesmo com a ajuda das ciências humanas. Algumas comunidades tiraram vantagem, por exemplo, da ajuda de peritos em comunicação e de profissionais no campo da psicologia e da sociologia.

São meios excepcionais que devem ser prudentemente avaliados e podem ser utilizados com moderação por comunidades desejosas de derrubar o muro de separação que, às vezes, se eleva dentro da própria comunidade. As técnicas humanas se revelam úteis, mas não são suficientes. Para todos é necessário tomar a peito o bem do irmão cultivando a capacidade evangélica de receber dos outros tudo que desejam dar e comunicar e que, de fato, comunicam com sua própria existência.

«Tende os mesmos sentimentos e o mesmo amor. Sede cordiais e unânimes. Com grande humildade julgai os outros melhores do que vós. Ocupai-vos dos interesses dos outros e não somente dos vossos. As vossas relações mútuas sejam fundados sobre o fato de que estais unidos a Cristo Jesus» (Cf. Fl 2, 2-5).

É nesse clima que as várias modalidades e técnicas de comunicação, compatíveis com a vida religiosa, podem alcançar os resultados de favorecer o crescimento da fraternidade.

34. O considerável impacto dos meios de comunicação social sobre a vida e a mentalidade de nossos contemporâneos atingem também as comunidades religiosas e lhes condiciona não raramente a comunicação interna.

A comunidade, portanto, consciente de seu influxo, se educa para utilizá-los para o crescimento pessoal e comunitário com a clareza evangélica e a liberdade interior de quem aprendeu a conhecer a Jesus Cristo (Cf. Gl 17-23). Eles, de fato, propõem e, muitas vezes, impõem uma mentalidade e um modelo de vida que deve ser confrontado continuamente com o Evangelho. A esse respeito, de muitas partes, se pede uma aprofundada formação para a recepção e para o uso crítico e fecundo de tais meios. Por que não fazer deles objeto de avaliação, de revisão, de programação, nos periódicos encontros comunitários?

Principalmente quando a televisão se torna a única forma de recreação, ela dificulta e às vezes impede o relacionamento entre as pessoas, limita a comunicação fraterna e, até mesmo, pode prejudicar a própria vida consagrada.

Impõe-se um justo equilíbrio: o uso moderado e prudente dos meios de comunicação,⁴⁴ acompanhado pelo discernimento comunitário, pode ajudar a comunidade a conhecer melhor a complexidade do mundo da cultura, pode permitir uma recepção confrontada e crítica e, enfim, pode ajudar a valorizar impacto deles em vista dos vários ministérios para o Evangelho.

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Coerentemente com a opção de seu específico estado de vida, caracterizado por uma mais marcada separação do mundo, as comunidades contemplativas devem sentir-se maiormente empenhadas no preservar um ambiente de recolhimento, atendo-se às normas estabelecidas nas próprias constituições sobre o uso dos meios de comunicação social.

COMUNIDADE RELIGIOSA E AMADURECIMENTO PESSOAL

35. A comunidade religiosa pelo fato de ser uma «Schola Amoris» (escola de amor), que ajuda a crescer no amor para com Deus e para com os irmãos, torna-se também lugar de crescimento humano. O caminho é exigente, pois implica a renúncia de bens certamente muito apreciáveis,⁴⁵ mas não é impossível. Isso o demonstra a multidão dos santos e santas e as maravilhosas figuras de religiosos e religiosas que mostraram como a consagração a Jesus Cristo «não se opõe ao verdadeiro progresso da pessoa humana, mas por sua natureza lhe é de grandíssima ajuda». ⁴⁶

O caminho para a maturidade humana, premissa para uma vida de irradiação evangélica, é um processo que não conhece limites, porque comporta um contínuo «enriquecimento» não somente dos valores espirituais, mas também dos de ordem psicológica, cultural e social». ⁴⁷

As grandes mudanças acontecidas na cultura e nos costumes, orientadas mais para as realidades materiais do que para os valores espirituais, exigem especial atenção a algumas áreas nas quais as pessoas hoje parecem particularmente vulneráveis.

36. A identidade

O processo de amadurecimento acontece na própria identificação com o chamado de Deus. Uma identidade incerta pode impelir, especialmente nos momentos de dificuldade, para uma auto-realização mal-entendida, com necessidade extrema de resultados positivos e da aprovação da parte dos outros, com exagerado medo do fracasso e depressão pelos insucessos.

A identidade da pessoa consagrada depende do amadurecimento espiritual: é obra do Espírito, que impele a conformar-se a Jesus Cristo, conforme aquela particular modalidade que é dada pelo «carisma originário, mediação do Evangelho aos membros de um determinado instituto». ⁴⁸ Muito importante é, pois, a ajuda de um guia espiritual, que conheça bem e respeite a espiritualidade e a missão do instituto, para «discernir a ação de Deus, acompanhar o irmão nas vias do Senhor, nutrir a vida de sólida doutrina e de oração vivida». ⁴⁹ Particularmente necessário na formação inicial, esse acompanhamento é útil também por todo o resto da vida para um «crescimento em Cristo».

Também o amadurecimento cultural ajuda a afrontar os desafios da missão, assumindo os instrumentos necessários para discernir o movimento do vir-a-ser e para elaborar respostas adequadas, por meio das quais o Evangelho se torna continuamente proposta alternativa às propostas mundanas, integrando-lhes as forças positivas e purificando-as dos fermentos do mal.

Nessa dinâmica, a pessoa consagrada e a comunidade religiosa são proposta evangélica que manifesta a presença de Cristo no mundo. ⁵⁰

37. A afetividade

A vida fraterna em comum exige da parte de todos um bom equilíbrio psicológico, dentro do qual possa amadurecer a vida afetiva de cada um. Componente fundamental desse amadurecimento é, como já lembramos anteriormente, a liberdade afetiva, graças à qual o consagrado ama sua vocação e ama de acordo com sua vocação. É justamente essa liberdade e maturidade que permitem viver bem a afetividade, tanto dentro como fora da comunidade.

Amar a própria vocação, sentir o chamado como uma razão válida de vida e colher a consagração como realidade verdadeira, bela e boa que proporciona verdade, beleza e bondade também à própria existência: tudo isso torna a pessoa forte e autônoma, segura da própria identidade, não necessitada de apoios e compensações várias, mesmo de natureza afetiva. Reforça também o vínculo que liga o consagrado aos que

com ele compartilham o mesmo chamado. Com eles, antes de tudo, ele se sente chamado a viver relações de fraternidade e de amizade.

Amar a vocação é amar a Igreja, é amar o próprio instituto e sentir a comunidade como a verdadeira própria família.

Amar de acordo com a própria vocação é amar com o estilo de quem, em cada relacionamento humano, deseja ser sinal límpido do amor de Deus, não usurpa e não possui, mas quer bem e quer o bem do outro com a mesma benevolência de Deus.

É necessária, pois, uma formação específica da afetividade que integre o aspeto humano com o mais propriamente espiritual. A tal propósito aparecem amplamente oportunas as diretivas do *Potissimum Institutioni* a respeito do discernimento «sobre o equilíbrio da afetividade, particularmente do equilíbrio sexual» e sobre a «capacidade de viver em comunidade» 51

Todavia as dificuldades nessa área são, muitas vezes, a caixa de ressonância de problemas nascidos em outros lugares: uma afetividade-sexualidade vivida com atitude narcisístico-adolescencial ou rigidamente reprimida, pode ser consequência de experiências negativas anteriores à entrada na comunidade, mas também consequências de frustrações comunitárias ou apostólicas. Importante é, portanto, a presença de uma rica e calorosa vida fraterna, que «leva o peso» do irmão ferido e necessitado de ajuda.

Se é, de fato, necessária certa maturidade para viver em comunidade, também o é uma cordial vida fraterna para o amadurecimento do religioso. Diante da eventual constatação de uma diminuída autonomia afetiva no Irmão ou na Irmã, deveria vir a resposta da comunidade em termos de um amor rico e humano, como o do Senhor Jesus e de tantos santos religiosos; um amor que compartilha os temores e as alegrias, as dificuldades e as esperanças, com aquele calor que é próprio de um coração novo que sabe acolher a pessoa inteira. Esse amor solícito e respeitoso, não possessivo mas gratuito, deveria levar a fazer sentir próximo o Amor do Senhor, aquele Amor que levou o Filho de Deus a proclamar, por meio da cruz, que não se pode duvidar de ser amado pelo Amor.

38. As dificuldades

Ocasão particular para o crescimento humano e a maturidade cristã é conviver com pessoas que sofrem, que não se encontram à vontade na comunidade e que, por isso, são motivo de sofrimentos para os irmãos, perturbando a vida comunitária.

É preciso, antes de mais nada, perguntar-se de onde se originam esses sofrimentos: de deficiências de caráter, de trabalhos sentidos como muito gravosos, de graves lacunas na formação, das transformações demasiadamente rápidas destes anos, de formas demasiadamente autoritárias de governo, de dificuldades espirituais.

Pode haver até diversas situações em que a autoridade deve fazer presente que a vida em comum exige, por vezes, sacrifícios e pode tornar-se uma forma de «maxima poenitentia» (máximapenitência).

No entanto, existem situações e casos nos quais é necessário o recurso às ciências humanas, sobretudo quando alguns são claramente incapazes de viver a vida comunitária por problemas de maturidade e de fragilidade psicológica ou por fatores prevalentemente patológicos.

O recurso a tais intervenções tem-se revelado útil não só no momento terapêutico em casos de psicopatologia mais ou menos manifesta, mas também no momento preventivo para ajudar a uma adequada seleção dos candidatos e para acompanhar, em alguns casos, a equipe de formadores a afrontar específicos problemas pedagógico-formativos.⁵²

Em todo o caso, na escolha dos especialistas, deve-se preferir uma pessoa de fé e conhecedora da vida religiosa e de suas dinâmicas. Tanto melhor se for uma pessoa consagrada.

O uso desses meios, enfim, será verdadeiramente eficaz se for discreto e não generalizado, tanto mais porque não resolvem todos os problemas e, portanto, «não podem substituir uma autêntica guia espiritual».⁵³

DO EU AO NÓS

39. O respeito pela pessoa, recomendado pelo Concílio e pelos documentos sucessivos,⁵⁴ teve um influxo positivo na praxe comunitária.

Contemporaneamente, porém, se difundiu com maior ou menor intensidade, segundo as várias regiões do mundo, também o individualismo, sob as mais diversas formas: a necessidade de protagonismo e a insistência exagerada sobre o próprio bem-estar físico, psíquico e profissional; a preferência pelo trabalho independente e pelo trabalho de prestígio e de nome; a prioridade absoluta dada às próprias aspirações pessoais e ao próprio caminho individual, sem pensar nos outros e sem referências à comunidade.

Por outro lado, é necessário perseguir o justo equilíbrio, nem sempre fácil de alcançar, entre o respeito à pessoa e o bem comum, entre as exigências e necessidades de cada um e as da comunidade, entre os carismas pessoais e o projeto apostólico da comunidade. E isso, afastando-se tanto do individualismo desagregante quanto do comunitarismo nivelante. A comunidade religiosa é o lugar onde acontece a cotidiana e paciente passagem do «eu» ao «nós», do «meu» empenho ao empenho confiado à comunidade, da busca de «minhas coisas» à busca das «coisas de Cristo».

A comunidade religiosa torna-se, então, o lugar onde se aprende cotidianamente a assumir aquela mentalidade renovada que permite viver a comunhão fraterna através da riqueza dos diversos dons e, ao mesmo tempo, impele esses dons a convergir para a fraternidade e para a coresponsabilidade no projeto apostólico.

40. Para alcançar essa «sinfonia» comunitária e apostólica, é necessário:

- a) Celebrar e agradecer juntos pelo dom comum da vocação e da missão, dom que transcende de muito qualquer diferença individual e cultural. Promover uma atitude contemplativa diante da sabedoria de Deus que enviou determinados irmãos à comunidade para que sejam dom uns para os outros. Louvar a Deus por aquilo que cada irmão transmite da presença e da palavra de Cristo.
- b) Cultivar o respeito mútuo com o qual se aceita o caminhar lento dos mais fracos e, ao mesmo tempo, não se sufoca o desabrochar de personalidades mais ricas. Um respeito que favorece a criatividade, mas que também sabe fazer apelo à responsabilidade e à solidariedade para com os outros.
- c) Orientar para a missão comum: cada instituto tem sua missão para a qual cada um deve colaborar de acordo com os próprios dons. O caminho da pessoa consagrada consiste justamente no consagrar progressivamente ao Senhor tudo aquilo que tem e tudo aquilo que é para a missão de sua família religiosa.
- d) Lembrar que a missão apostólica está confiada, em primeiro lugar, a comunidade e que isso, muitas vezes, comporta também a direção de obras próprias do instituto. A dedicação a tal apostolado comunitário faz madurecer a pessoa consagrada e a faz crescer em seu peculiar caminho de santidade.
- e) Ter em mente que cada um dos religiosos, quando recebe da obediência missões pessoais, deve se considerar enviado pela comunidade. Esta, por sua vez, cuide de sua atualização regular e os integre na avaliação dos trabalhos apostólicos e comunitários.

Durante o tempo de formação, pode acontecer que, não obstante a boa vontade, seja impossível fazer convergir os dons pessoais de uma pessoa consagrada para a vida fraterna e para a missão comum. É então o caso de colocar-se a pergunta: «Os dons de Deus nesta pessoa (...) produzem unidade e aprofundam a comunhão? Se sim, podem ser bem acolhidos. Em caso contrário, por muito bons que possam parecer em si mesmos, e por mais desejáveis que possam parecer a alguns membros, eles não são aptos para este particular instituto (...) Não é sábio, de fato, tolerar linhas de desenvolvimento muito divergentes que não oferecem um sólido andamento de unidade no instituto».⁵⁵

41. Nestes anos, aumentaram as comunidades com pequeno número de membros, sobretudo por exigências apostólicas. Elas podem também favorecer o desenvolvimento de relações mais estreitas entre os religiosos, uma oração mais participada e um recíproco e mais fraterno assumir de responsabilidades.⁵⁶

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Não faltam, porém, motivos discutíveis, como a afinidade de gostos ou de mentalidade. Nesse caso é fácil que a comunidade se feche e possa chegar a selecionar seus componentes, aceitando ou não um irmão enviado pelos superiores. Isto é contrário à natureza mesma da comunidade religiosa e à sua função de sinal. A homogeneidade seletiva, além de enfraquecer a mobilidade apostólica, faz perder força à dimensão «pneumática» da comunidade e a esvazia de sua força de testemunhar a realidade espiritual que a dirige.

O esforço de aceitação recíproca e o empenho na superação das dificuldades, típico das comunidades heterogêneas, demonstram a transcendência do motivo que as fez surgir, isto é, «a potência de Deus que se manifesta na pobreza do homem» (Cf. 2 Cor 12, 9-10).

Na comunidade estão juntos não porque foram escolhidos por si mesmos, mas porque foram escolhidos pelo Senhor.

42. Se a cultura de modelo ocidental pode levar ao individualismo que torna árdua a vida fraterna em comum, outras culturas podem, ao contrário, levar ao comunitarismo, que torna difícil a valorização da pessoa humana. Todas as formas culturais devem ser evangelizadas.

A presença de comunidades religiosas que, num processo de conversão, passam para uma vida fraterna na qual a pessoa se coloca à disposição dos irmãos ou nas quais o «grupo» promove a pessoa, é um sinal da força transformadora do Evangelho e do advento do Reino de Deus.

Os institutos internacionais, nos quais convivem membros de diversas culturas, podem contribuir a um intercâmbio de dons, através da qual se enriquecem e se corrigem mutuamente, na comum tensão para viver sempre mais intensamente o Evangelho da liberdade pessoal e da comunhão fraterna.

SER UMA COMUNIDADE EM CONTÍNUA FORMAÇÃO

43. A renovação comunitária tirou notáveis vantagens da formação permanente. Recomendada e delineada, em suas linhas fundamentais, pelo documento *Potissimum Institutioni*,⁵⁷ a formação permanente é considerada por todos os responsáveis de institutos religiosos de vital importância para o futuro.

Não obstante algumas incertezas (dificuldade para fazer uma síntese entre seus diversos aspectos, dificuldade de sensibilizar todos os membros de uma comunidade, exigências absorventes do apostolado e justo equilíbrio entre atividade e formação, a maioria dos institutos deu vida a iniciativas tanto de âmbito central como de âmbito local.

Uma das finalidades dessas iniciativas é de formar comunidades maduras, evangélicas, fraternas, capazes de continuar a formação permanente no cotidiano. A comunidade religiosa, de fato, é o lugar onde as grandes orientações se tornam operativas, graças à paciente e tenaz mediação cotidiana. A comunidade religiosa é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento de todos, onde cada um se torna corresponsável pelo crescimento do outro. A comunidade religiosa, além disso, é o lugar onde, dia por dia, se recebe ajuda de pessoas consagradas, portadoras de um comum carisma, para responder às necessidades dos últimos e aos desafios da nova sociedade.

Não é raro que, em relação aos problemas a serem afrontados, as respostas sejam diferentes, com evidentes consequências sobre a vida comunitária. Daí a constatação de que um dos objetivos particularmente sentidos hoje é o de integrar pessoas, marcadas por formação diferente e por diferentes visões apostólicas, numa mesma vida comunitária onde as diferenças não sejam tanto ocasiões de contraste quanto momentos de mútuo enriquecimento. Nesse contexto diversificado e mutável, torna-se sempre mais importante o papel unificador dos responsáveis de comunidade, para os quais é oportuno prever apoios específicos da parte da formação permanente, em vista de sua tarefa de animação da vida fraterna e apostólica.

Sobre a base da experiência destes anos, dois aspectos merecem aqui uma atenção particular: a dimensão comunitária dos conselhos evangélicos e o carisma.

44. A dimensão comunitária dos conselhos evangélicos.

A profissão religiosa é expressão do dom de si a Deus e à Igreja, mas de um dom vivido na comunidade de uma família religiosa. O religioso não é só um «chamado» com uma sua vocação individual, mas é um «convocado», um chamado junto com outros com os quais «compartilha» a existência cotidiana.

Há uma convergência do «sim» a Deus, que une os vários consagrados numa mesma comunidade de vida. Consagrados juntos, unidos no mesmo «sim», unidos no Espírito Santo, os religiosos descobrem cada dia que seu seguimento de Cristo «obediente, pobre e casto» é vivido na fraternidade, como os discípulos que seguiam a Jesus em seu ministério. Unidos a Jesus Cristo e, portanto, chamados a serem unidos entre si. Unidos na missão de opor-se profeticamente à idolatria do poder, do ter e do prazer.⁵⁸

Assim a obediência liga e une as diversas vontades numa mesma comunidade fraterna dotada de uma missão específica a cumprir na Igreja.

A obediência é um «sim» ao plano de Deus que confiou uma tarefa especial a um grupo de pessoas. Comporta uma ligação com a missão, mas também com a comunidade que deve realizar aqui e agora seu serviço; exige também um lúcido olhar de fé sobre os superiores que «desempenham sua tarefa de serviço e de guia»⁵⁹ e devem tutelar a conformidade do trabalho apostólico com a missão. E assim em comunhão com eles se deve realizar a divina vontade, a única que pode salvar.

A pobreza: a partilha dos bens — também dos bens espirituais — foi, desde o início, a base da comunhão fraterna. A pobreza de cada um, que comporta um estilo de vida simples e austero, não só liberta das preocupações inerentes aos bens pessoais, mas sempre enriqueceu a comunidade, que podia assim se colocar mais eficazmente ao serviço de Deus e dos pobres.

A pobreza inclui a dimensão econômica: a possibilidade de dispor do dinheiro, como se fosse próprio, quer para si quer para os próprios familiares, um estilo de vida muito diferente daquele dos confrades e da sociedade pobre em que frequentemente se vive, ferem e enfraquecem a vida fraterna.

Também a «pobreza de espírito», a humildade, a simplicidade, o reconhecer os dons dos outros, a valorização das realidades evangélicas como «a vida escondida com Cristo em Deus», a estima pelo sacrifício oculto, a valorização dos últimos, o gastar-se por causas não retribuídas ou não reconhecidas... são todos aspetos unitivos da vida fraterna realizados pela pobreza professada.

Uma comunidade de «pobres» é capaz de ser solidária com os pobres e de manifestar qual é o coração da evangelização, porque apresenta concretamente a força transformante das bem-aventuranças.

Na dimensão comunitária a castidade consagrada, que implica também uma grande pureza de mente, de coração e de corpo, exprime uma grande liberdade para amar a Deus e tudo o que é de Deus com amor indiviso.-

Por isso, implica ainda uma total disponibilidade de amar e servir a todos os homens tornando presente o amor de Cristo. Esse amor, não egoísta nem exclusivo, não possessivo nem escravo da paixão, mas universal e desinteressado, livre e libertador, tão necessário para a missão, deve ser cultivado e cresce por meio da vida fraterna. Assim aqueles que vivem o celibato consagrado «são uma recordação daquele admirável conúbio realizado por Deus e que se manifestará plenamente no século futuro, pelo qual a Igreja tem Cristo como seu único esposo».⁶⁰

Essa dimensão comunitária dos votos tem necessidade de contínuo cuidado e aprofundamento, cuidado e aprofundamento típicos da formação permanente.

35. O carisma

É o segundo aspeto a ser privilegiado na formação permanente, tendo em vista o crescimento da vida fraterna.

A consagração religiosa estabelece uma particular comunhão entre o religioso e Deus e, em Deus, entre os membros de um mesmo instituto (...). Seu fundamento é a comunhão em Cristo estabelecida pelo único carisma originário».⁶¹

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Por isso, a referência ao próprio fundador e ao carisma por ele vivido e comunicado e, depois, conservado, aprofundado e desenvolvido ao longo de toda a vida do instituto,⁶² aparece como um componente fundamental para a unidade da comunidade.

Viver em comunidade, na verdade, é viver todos juntos a vontade de Deus, segundo a orientação do dom carismático que o fundador recebeu de Deus e que transmitiu a seus discípulos e continuadores.

A renovação destes anos, ressaltando a importância do carisma originário, através também de uma rica reflexão teológica,⁶³ favoreceu a unidade da comunidade. Esta é percebida como portadora de um mesmo dom do Espírito, dom que deve ser compartilhado com os irmãos e com o qual é possível enriquecer a Igreja «para a vida do mundo». Por isso, são muito proveitosos os programas de formação que compreendem cursos periódicos de estudo e de reflexão orante sobre o fundador, sobre o carisma e sobre as constituições.

A aprofundada compreensão do carisma leva a uma clara visão da própria identidade, em torno da qual é mais fácil criar unidade e comunhão. Ela permite, além disso, uma adaptação criativa às novas situações e isso oferece perspectivas positivas para o futuro de um instituto.

A falta dessa clareza pode facilmente gerar incertezas nos objetivos e vulnerabilidade diante dos condicionamentos ambientais, diante das correntes culturais e, até, diante das várias necessidades apostólicas, além de gerar incapacidade para adaptar-se e renovar-se.

46. É necessário, pois, cultivar a identidade carismática, também para evitar o genericismo que constitui um verdadeiro perigo para a vitalidade da comunidade religiosa.

A esse propósito são assinaladas algumas situações que, nestes anos, feriram e, em alguns lugares, ainda ferem as comunidades religiosas:

- o modo «genericista»— isto é, sem a específica mediação do próprio carisma — no considerar certas indicações da Igreja particular ou certas sugestões provenientes de espiritualidades diversas;
- um tipo de envolvimento em movimentos eclesiais que expõe alguns religiosos ao fenômeno ambíguo da «dupla identidade»;
- nas indispensáveis e, muitas vezes, frutuosas relações com os leigos, sobretudo colaboradores, certo adequamento à índole laical. E assim, ao invés de oferecer o próprio testemunho religioso como um dom fraterno que lhes fermente a autenticidade cristã, mimetiza-se com eles, assumindo-lhes o modo de ver e de agir e reduzindo o contributo da própria consagração;
- uma excessiva condescendência às exigências da família, aos ideais da nação, da raça e tribo, do grupo social, que arriscam desviar o carisma para posições e interesses de parte.

O «genericismo», que reduz a vida religiosa a um inexpressivo denominador comum, acaba por cancelar a beleza e a fecundidade da multiplicidade dos carismas suscitados pelo Espírito.

A AUTORIDADE A SERVIÇO DA FRATERNIDADE

47. É impressão difusa que a evolução destes anos contribuiu para fazer amadurecer a vida fraterna na comunidade. O clima de convivência, em muitas comunidades, melhorou: deu-se mais espaço à participação ativa de todos, passou-se de uma vida em comum demasiadamente baseada na observância a uma vida mais atenta às necessidades de cada um e mais cuidadosa no aspeto humano. O esforço de construir comunidades menos formalistas, menos autoritárias, mais fraternas e participadas, é considerado, em geral, um dos frutos mais evidentes da renovação destes anos.

48. Esse desenvolvimento positivo, em alguns lugares, correu o risco de ser comprometido por um espírito de desconfiança diante da autoridade.

O desejo de uma comunhão mais profunda entre os membros e a compreensível reação contra estruturas sentidas como demasiadamente autoritárias e rígidas, levou a não compreender, em toda a sua

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

importância, o papel da autoridade. Assim, ela é considerada por alguns até como absolutamente desnecessária para a vida da comunidade e por outros redimensionada à mera tarefa de coordenar as iniciativas dos membros. De tal modo, certo número de comunidades foi induzida a viver sem responsável e outras a tomar todas as decisões colegialmente. Tudo isso leva consigo o perigo, não só hipotético, de esfacelamento da vida comunitária, que tende inevitavelmente a privilegiar os projetos individuais e, ao mesmo tempo, a obscurecer o papel da autoridade. Esse papel é necessário também para o crescimento da vida fraterna na comunidade, além de necessário para o caminho espiritual da pessoa consagrada.

Por outro lado, os resultados dessas experiências estão levando progressivamente à redescoberta da necessidade e do papel de uma autoridade pessoal, em continuidade com toda a tradição da vida religiosa.

Se o difuso clima democrático favoreceu o crescimento da corresponsabilidade e da participação de todos no processo de decisão também dentro da comunidade religiosa, não se pode esquecer que a fraternidade não é só fruto do esforço humano, mas é também e sobretudo dom de Deus. Dom que vem da obediência à Palavra de Deus e, na vida religiosa, também da obediência à autoridade que recorda essa Palavra e a liga a cada situação, de acordo com o Espírito do instituto.

«Nós vos pedimos, irmãos, que tenhais consideração por aqueles que trabalham entre vós, que são vossos chefes no Senhor e vos admoestam; tende muito respeito e caridade para com eles, por causa de seu trabalho» (Ts 5, 12-13). A comunidade cristã não é uma coletividade anônima, mas, desde o início, é dotada de seus chefes, para os quais o apóstolo pede consideração, respeito e caridade.

Nas comunidades religiosas a autoridade, à qual se deve atenção e respeito também em virtude da obediência professada, é colocada a serviço da fraternidade, de sua construção, da obtenção de suas finalidades espirituais e apostólicas.

49. A renovação destes anos contribuiu a redesenhar a autoridade, com o intento de ligá-la mais estreitamente a suas raízes evangélicas e, portanto, ao serviço do progresso espiritual de cada um e da edificação da vida fraterna na comunidade.

Toda a comunidade, pois, tem uma sua missão a cumprir. O serviço da autoridade é voltado, portanto, para uma comunidade que deve cumprir uma missão particular, recebida e qualificada pelo instituto e por seu carisma. Como existem diversas missões, haverá diversos tipos de comunidade e, portanto, diversos tipos de exercício de autoridade. É também por isso que a vida religiosa detém em seu seio diversos modos de conceber e de exercer a autoridade, definidos pelo direito próprio.

Sempre a autoridade é evangelicamente um serviço.

50. A renovação destes anos leva a privilegiar alguns aspetos da autoridade:

a) Uma autoridade espiritual

Se as pessoas consagradas se dedicaram ao total serviço de Deus, a autoridade favorece e sustenta essa sua consagração. Em certo sentido pode ser vista como «serva dos servos de Deus». A autoridade tem a função primária de construir, junto com seus irmãos e irmãs, «comunidades fraternas nas quais se busque e se ame a Deus antes de tudo».64 Por isso, é necessário que seja, antes de tudo, pessoa espiritual, convicta da primazia do espiritual, tanto no que concerne à vida pessoal como no que se refere à construção da vida fraterna, consciente como está que, quanto mais o amor de Deus cresce nos corações, tanto mais os corações se unem entre si.

Seu dever prioritário será, portanto, a animação espiritual, comunitária e apostólica de sua comunidade.

b) Uma autoridade realizadora de unidade

Uma autoridade realizadora de unidade é aquela que se preocupa em criar o clima favorável para a partilha e a coresponsabilidade, que suscita a contribuição de todos para as coisas de todos, que encoraja os irmãos a assumir as responsabilidades e os sabe respeitar, que «suscita a obediência dos religiosos, no respeito à pessoa humana»,65 que os escuta de bom grado, promovendo sua concorde colaboração para o bem do instituto e a Igreja,66 que pratica o diálogo e oferece oportunos momentos de encontro, que sabe infundir

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

coragem e esperança nos momentos difíceis, que sabe olhar para a frente afim de indicar novos horizontes para a missão. E ainda: uma autoridade que procura manter o equilíbrio dos diversos aspetos da vida comunitária. Equilíbrio entre oração e trabalho, entre apostolado e formação, entre empenhos e repouso.

Numa palavra: a autoridade do superior ou da superiora se usa para que a casa religiosa não seja simplesmente um lugar de residência, um glomerado de pessoas, cada uma vivendo uma história individual, mas a «comunidade fraterna em Cristo».67

c) Uma autoridade que sabe tomar as decisões finais e lhes assegura a execução.

O discernimento comunitário é um procedimento bastante útil, embora não fácil nem automático, porque envolve competência humana, sabedoria espiritual e desapego pessoal. Onde é praticado com fé e seriedade pode oferecer à autoridade as melhores condições para tomar as necessárias decisões, tendo em vista o bem da vida fraterna e da missão.

Uma vez tomada uma decisão, de acordo com as modalidades fixadas pelo direito próprio, exige-se constância e firmeza por parte do superior, para que o que se decidiu não fique só no papel.

51. É necessário, além disso, que o direito próprio seja o mais exato possível no estabelecer as respetivas competências da comunidade, dos diversos conselhos, dos responsáveis setoriais e do superior. A pouca clareza nesse setor é fonte de confusão e de conflitos.

Também os «projetos comunitários», que podem ajudar a participação na vida da comunidade e em sua missão nos diversos contextos, deveriam ter a preocupação de definir bem o papel e a competência da autoridade, sempre no respeito às constituições.

52. Uma comunidade fraterna e unida é chamada, sempre mais, a ser um elemento importante e eloquente da contracultura do Evangelho, sal da terra e luz do mundo.

Assim, por exemplo, se na sociedade ocidental envolvida pelo individualismo, a comunidade religiosa é chamada a ser um sinal profético da possibilidade de realizar em Cristo a fraternidade e a solidariedade, nas culturas envolvidas pelo autoritarismo ou pelo comunitarismo, é chamada a ser um sinal de respeito e de promoção da pessoa humana, como também do exercício da autoridade de acordo com a vontade de Deus.

A comunidade religiosa, ao mesmo tempo em que deve assumir a cultura do lugar, é chamada também a purificá-la e a elevá-la por meio do sal e da luz do Evangelho, apresentando, em suas fraternidades realizadas, uma síntese concreta do que seja não só uma evangelização da cultura, mas também uma inculturação evangelizadora e uma evangelização inculturada.

53. Não se pode, enfim, esquecer que em toda esta delicada, complexa e frequentemente sofrida questão, cabe um papel decisivo à fé, que permite compreender o mistério salvífico da obediência.68 De fato, como da desobediência de um homem veio a desagregação da família humana e como da obediência do Homem novo iniciou-se sua reconstrução (Cf. Rm 5, 19), assim a atitude obediente será sempre uma força indispensável para qualquer vida familiar. A vida religiosa sempre viveu dessa convicção de fé e também hoje é chamada a vivê-la com coragem, para não correr em vão na busca de relações fraternas e para ser uma realidade evangelicamente significativa na Igreja e na sociedade.

A FRATERNIDADE COMO SINAL

54. As relações entre vida fraterna e atividade apostólica, em particular nos institutos dedicados às obras de apostolado, não têm sido sempre claros e não raramente têm provocado tensões tanto para pessoas em particular, como para a comunidade. Para alguns «o fazer comunidade» é sentido como um obstáculo para a missão, quase um perder tempo em questões que, afinal, são secundárias. É necessário lembrar a todos que a comunhão fraterna, enquanto tal, já é apostolado, isto é, contribui diretamente para a obra de evangelização. De fato, o sinal por excelência deixado pelo Senhor é o da fraternidade vivida: «Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

A NOSSA VIDA DE IRMÃOS É VIDA FRATERNA

Junto com a missão de pregar o Evangelho a todas as criaturas (Cf. Mt 28, 19-20), o Senhor enviou seus discípulos a viver unidos, «para que o mundo creia» que Jesus é o enviado do Pai ao qual se deve dar o pleno assentimento de fé (Cf. Jo 17, 21). O sinal da fraternidade é, portanto, de grandíssima importância, porque é o sinal que mostra a origem divina da mensagem cristã e que tem a força de abrir os corações à fé. Por isso «toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna em comum».69

55. A comunidade religiosa, se e enquanto cultiva em seu seio a vida fraterna, tem presente, de forma contínua e legível, esse «sinal» do qual a Igreja tem necessidade sobretudo na tarefa da nova evangelização.

Também por isso a Igreja dá tanta importância à vida fraterna das comunidades religiosas: quanto mais intenso é o amor fraterno, maior é a credibilidade da mensagem anunciada, mais perceptível é o coração do mistério da Igreja sacramento, da união dos homens com Deus e dos homens entre si.70 Sem ser o «tudo» da missão da comunidade religiosa, a vida fraterna é um de seus elementos essenciais. A vida fraterna é tão importante quanto a ação apostólica.

Não se pode, pois, invocar as necessidades do serviço apostólico para admitir ou justificar uma vida comunitária medíocre. A atividade dos religiosos deve ser atividade de pessoas que vivem em comum e que informam de espírito comunitário seu agir, que tendem a difundir o espírito fraterno com a palavra, a ação e o exemplo.

Situações particulares, tratadas a seguir, podem exigir adaptações que, no entanto, não devem ser tais que impeçam o religioso de viver a comunhão e o espírito da própria comunidade.

56. A comunidade religiosa, consciente de suas responsabilidades em relação à grande fraternidade que é a Igreja, torna-se também um sinal da possibilidade de viver a fraternidade cristã, como também do preço que é necessário pagar para a construção de qualquer forma de vida fraterna.

Além disso, em meio às diversas sociedades de nosso planeta, marcadas por paixões e por interesses contrastantes que as dividem, desejosas de unidade mas incertas sobre os caminhos a seguir, a presença de comunidades onde se encontram, como irmãos ou irmãs, pessoas de diferentes idades, línguas e culturas, permanecendo unidas não obstante os inevitáveis conflitos e dificuldades que uma vida em comum comporta, é já um sinal que atesta qualquer coisa de mais elevado que faz olhar mais para o alto.

«As comunidades religiosas, que anunciam com sua vida a alegria e o valor humano e sobrenatural da fraternidade cristã, proclamam para nossa sociedade com a eloquência dos fatos a força transformadora da Boa Nova».71

«Mas, sobretudo, pois, distingui-vos pela caridade, que é o laço da perfeição» (Cl 3, 14), o amor como foi ensinado e vivido por Jesus Cristo e nos é comunicado por meio de seu Espírito. Esse amor que une é o mesmo que impele a comunicar, também aos outros, a experiência de comunhão com Deus e com os irmãos. Isto é: gera os apóstolos impulsionando as comunidades pelo caminho da missão, seja ela contemplativa, seja de anúncio da Palavra, seja de ministérios de caridade. O amor de Deus quer invadir o mundo: a comunidade fraterna se torna missionária desse amor e sinal profético de sua força unificante.

57. A qualidade da vida fraterna tem também forte influência sobre a perseverança de cada religioso.

Como a medíocre qualidade da vida fraterna foi frequentemente apontada como motivação de não poucas defeições, assim a fraternidade vivida constituiu e ainda constitui um válido sustentáculo para a perseverança de muitos.

Numa comunidade verdadeiramente fraterna, cada um se sente corresponsável pela fidelidade do outro; cada um dá seu contributo para um clima sereno de partilha de vida, de compreensão, de ajuda mútua; cada um está atento aos momentos de cansaço, de sofrimento, de isolamento, de desmotivação do irmão; cada um oferece seu apoio a quem está aflito pelas dificuldades e pelas provações.

Assim a comunidade religiosa, que sustenta a perseverança de seus componentes, adquire também a força de sinal da perene fidelidade de Deus e, portanto, de sustentáculo para a fé e para a fidelidade dos cristãos, imersos nas vicissitudes deste mundo que, sempre menos, parece conhecer os caminhos da fidelidade.

PERGUNTAS PARA A REFLEXÃO

1. Como assumes as mudanças e os desafios do contexto atual na vida religiosa?
2. Que mudanças se poderiam efetuar, na dinâmica comunitária, para melhor partilhar as experiências de Deus que ocorrem na missão exigida pelo carisma da hospitalidade?